

PROJETO FINANCIADO PELA CHESF

***Consultor do PAX. Relatório de visita à área de Xingó, em novembro de 1997.**

Aziz Nacib Ab' Sáber*
O HOMEM DOS TERRAÇOS DE XINGÓ

Documento 6

1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
REITOR: Prof. Dr. José Fernandes de Lima
VICE-REITOR: Prof. Dr. Josué Modesto dos Passos Subrinho

PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - PAX

COORDENADOR GERAL:
Prof. Dr. José Alexandre F. Diniz
COORDENADORES TÉCNICOS:
Arqueóloga Maria Cleonice de Souza Vergne
Arqueóloga Suely Luna

Os CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, publicação seriada do Projeto Arqueológico de Xingó, que têm por objetivo a divulgação de resultados de pesquisas produzidas na área, contam com duas séries: 1) Documentos, que publicam versões simplificadas de relatórios oficiais do Projeto, e 2) Textos, que publicam trabalhos de pesquisas independentes. de autoria de membros e assessores do Projeto ou de outros pesquisadores.

Uma excursão entre Aracaju e Xingó permite observações ao longo de um transecto que abrange todo o corpo territorial do Estado de Sergipe, tendo como ponto de partida a planície costeira, com seus sucessivos cordões de areias e sua complexa drenagem, cruzando-se os terrenos cretácicos dispostos em altas colinas convexizadas, para atingir a região do dono de Itabaiana, esvaziando por longos processos denudacionais. Depois percorrem-se amplos espaços de sertões baixos, até Canindé de São Francisco. Atinge-se bruscamente a área de Xingó, que descai rapidamente para os antigos canais rochosos da porção terminal do canyon de Paulo Afonso/Xingó. Trata-se de uma excursão que possibilita atravessar todos os ecossistemas existentes no interior de Sergipe, a saber: vegetação das restingas, matas tropicais dos tabuleiros ondulados, colinas e morros baixos calcários (antiga zona de matas); serrinhas sincopadas do antigo dono pré-cambriano de Itabaiana (agreste), e diferentes tratos de sertões baixos, dispostos em patamares rebaixados, entre minúsculas serrinhas.

Talvez seja oportuna uma rápida revisão geomorfológica da gênese do chamado "cotovelo" do rio São Francisco, na região de Petrolina/Juazeiro e Paulo Afonso/Xingó. O número de vezes que os cultores das geociências no Brasil São solicitados a informar sobre a origem do curso atual do São Francisco nos anima a uma resposta mais incisiva e sistemática sobre essa velha questão, tão deturpada.

É fora de dúvida que o rio São Francisco, em seu trecho alto e médio, de direção sul-norte, foi um curso d'água que se superpôs à cobertura cretácica do interior-mineiro e baiano, elaborando uma depressão periférica alongada, apertada entre as cristas e maciços antigos do Espinheiro e chapada Diamantina e os chapadões cretácicos do sistema Urucúia. Anteriormente ao seguimento dessa longa faixa de estruturas sedimentares cretácicas, o São Francisco mais antigo era um mero participante da sedimentação lacustre e flúvio lacustre que criou a grande bacia cretácica do interior de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco,

Este trabalho não poderia ser feito, não fosse a colaboração e os debates que fizemos com colegas José Alexandre Diniz, Cleonice Vergne, Suely Luna e Ana Lúcia do Nascimento, geógrafos e arqueólogos dirigentes do Projeto Arqueológico do Xingó (Universidade Federal de Sergipe, CHESF e Petrobrás).

Ceará e Maranhão. Nessa época em que a plataforma Brasileira esteve em nível tectônico muito baixo, o São Francisco e outros rios regionais, contribuíam para estender e assorear as coberturas cretácica, ao longo da qual o rio depois se encaixaria alongadamente, por ocasião do primeiro ressaltado da epirogênese, que deu início ao surgimento das aludidas formações sedimentares. Dessa forma, o rio abriu uma longa depressão periférica entre a dorsal do Espinhaço e a porção ocidental da bacia sedimentar soerguida (Moraes Rego 1936). No processo de encaixamento, atingiu-se estruturas metamórficas da série Bambuí, expondo tratos de formações calcareas e ardosianas (Serra do Ramalho, entre outros).

Toda a complicação que abrigou o São Francisco pós-cretácico a encurvar-se para leste, a partir do Sobradinho e Morada Nova, deveu-se a irregularidades no levantamento das estruturas sedimentares dos fins do Mesozóicos, distribuídas por espaços hoje situados no interior de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Ceará. É quase certo que, por ocasião do exagerado levantamento que se fez atuar no centro da bacia do Araripe, contribuindo para criar a grande mesa dos sertões de três Estados brasileiros, o curso do rio foi abrigado a desviar-se para leste, através de notável encurvamento, projetando-se para a faixa de fronteira dos atuais Estados de Alagoas e Sergipe. E, daí por diante, na medida em que a epirogênese fazia suas sucessivas "saltações" para o alto, o rio São Francisco encaixava-se, mais e mais, até ao ponto de atingir o embasamento geológico regional, composto de gnaisses graníticos e migmatitos.

Temos boas razões para dizer que a canyon de Paulo Afonso-Xingó-Piranhas teve uma longa duração durante o quaternário, envolvendo aproximadamente 3 milhões de anos, em trabalhos de erosão de talvegue. Existem indicações que o encaixamento processou-se sabor de duas ou três fases intermitentes de escavação. Numa primeira fase, houve um encaixamento discreto, com a formação de um vale longo embutido em umas poucas dezenas de metros abaixo do nível geral da superfície sertaneja moderna regional. A partir desse primeiro episódio, que remonta aos tempos iniciais do Pleistoceno. O curso do São Francisco na região ficou estabelecido em seu eixo geral, consolidando o "cotovelo" do rio na região. Um novo soerguimento do conjunto fez com que um novo patamar intermediário fosse estabelecido, antes que a garganta do atual canyon se pronunciasse. Esse segundo nível intermediário de erosão culminou com um vale embutido, no dorso do anterior, porém, agora, com trechos alternados de vale ora relativamente aberto, ora bastante esteito. Foi a partir desse batente de vale embutido, disposto em forma de "boudinage", que o São Francisco iniciou seu encaixamento definitivo, gerando os paredões verticais que hoje se observam. Para que tudo isso acontecesse, foi indispensável a internação de uma

epirogênese intermitente, um tanto flexurada em direção à costa, e suficientemente ampla para criar o baixo platô cristalino dos vastíssimos sertões secos da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Através de todos esses acontecimentos páleo-hidrográficos, o velho rio fixou seu curso para leste. E, na qualidade de correnteza alóctona, cruza os sertões secos, e, atingindo a faixa costeira de Sergipe e Alagoas, onde perpassa por agrestes e antigas grandes matas, vem a formar um dos raros "deltas arqueados" do litoral brasileiro.

Os conhecimentos paleoclimáticos e paleoecológicos sobre os primeiros tempos do Holoceno, referente à maior parte do território brasileiro, são extremamente escassos. Daí porque, quando solicitadas a geomorfologistas e palinólogos, as respostas são quase sempre decepcionantes e não satisfatórias. Já, no que respeita a episódios sincopados de mudanças climáticas de curta duração, referente à segunda metade do Recente, os informes são bem mais ricos e significativos, sobretudo no que se refere a diferentes áreas da Amazônia. Os únicos estudos confiáveis sobre os primeiros tempos do Holoceno, feitos no Brasil Centro-Sul, foram os do Padre Schomdt e seus discípulos, em lapas do sudoeste de Goiás. Nessa importante área de sítios pré-históricos do Brasil Central, o autor identificou uma série de alternâncias entre climas mais chuvosos e períodos menos sujeitos a chuvas, no decorrer dos primeiros milênios do Recente, por meio da interpretação de variações estratográficas dos jazidos encontrados no interior de lapas.

No entanto, quando se trata de outras áreas ou mini-áreas arqueológicas do país, ocorre um enorme silêncio nas informações solicitadas. Sendo que, em geral, ocorre uma nítida divisão nas matrizes de informações. Os geomorfologistas somente têm força para ofertar informes sobre condições paleoclimáticas e ecológicas do Pleistoceno Superior, máxime sobre Würm IV - Wisconsin Superior. Por seu lado, os palinologistas têm maior capacidade de ofertar dados sobre o lapso de tempo decorrido entre o *otimum climático* e os últimos milênios antes do presente (AP). E, por fim, somente os próprios, acabam por fornecer informes sobre os tempos pré-cerâmicos e a primeira metade do Holoceno.

No caso particular do distrito pré-histórico de jazigos descobertos por jovens arqueólogos nordestinos e franco processo de análise arqueológica - na faixa de *canyon* do rio São Francisco, entre Paulo Afonso de Xingó, ocorre uma situação inusitada. Na faixa basal das íngremes paredes rochosas do *canyon*, partilhadas por facheiros - em chão excessivamente dominado por afloramento de rochas granitizadas e magmatitos, ocorrem terraços arenosos, estreitos e sucessivos, sobrelevados de 12 a 15m acima do nível médio mais elevado do rio, hoje identificado pela base remanescente da mata da c'raiba. Há que se

referir a esse limite natural correspondente ao que designamos nível máximo-médio, demarcado pela tradicional floresta ciliar do domínio das caatingas, documentada pela fileira iniludível das árvores sempre-verde das caraibas floridas. Há que referi-lo, porque hoje o rio, após as notáveis barramentos efetuados à montante (Três Maria/Sobradinho e Itaparica/Xingó), teve seu nível médio substancialmente rebaixado, de até 3 a 5 metros, fazendo com que a base da antiga floresta beiradeira, rala e estreita, ficasse suspensa. Por sua vez, os terraços, que foram gerados a mais de uma dezena de metros acima da linha hoje definida pela mata c'raiba, tornaram-se mais visíveis na paisagem dos sopés, das altas e íngreme vertentes rochosas do *canyon*.

Os terraços aluviais, predominantemente arenosos, que incluem intercalações de camadas de lamias compactadas, síltico-argilosas, são descontínuos e sincopados, postando-se de 12 a 15 metros acima do que vimos designando por nível máximo-médio do rio. Nessa posição de "pé-de-serra", ou sopés de altas vertentes rochosas, os terraços podem ocorrer em dois tipos de jazimento: 1 tampão arenoso na barra de um pequeno afluente com a margem do São Francisco; ou, 2, em alinhamento basal, de algumas centenas de metros, ao longo de estirões dos sopés de paredões rochosos mais contínuos (caso dos terraços situados no fundo do *canyon*, à frente do sítio da cidade de Piranhas, na margem direita do rio).

Quando foram iniciados os trabalhos para a construção da barragem e futuro reservatório de Xingó, os jovens arqueólogos brasileiros, formados na escola de Niéde Guidon e Gabriela Martin, insistiram em uma campanha de pesquisas arqueológicas na faixa do *canyon* do rio São Francisco, entre Paulo Afonso e Xingó. Não foi fácil vencer a resistência dos responsáveis pela construção da barragem. Mas havia uma atmosfera cultural que campeava por todo Brasil, exigindo estudos de impacto ambientais providências para salvamento de fauna durante o fechamento de barragens e rastreamto arqueológico dos sítios de reservatórios antes de sua inundação: tudo favoreceu à aprovação de uma tarefa sistemática de pesquisas pré-históricas, as quais depois se projetaram e se desdobram na instalação de um laboratório para pesquisas arqueológicas, com resguardo de artefatos líticos e cerâmicos, ossadas humanas e testemunhas da fauna pene-contemporânea do distrito pré-histórico regional. Tendo, por fim, culminou na excelente idéia da instalação de um Ecomuseu e o desdobramento do material documentário em acervos universitários (Sergipe, Alagoas).

Em aproximadamente 10 anos de pesquisa e escavações, foram trabalhados, diversos sítios no dorso dos terraços aluviais de fundo de *canyon*, recuperando ossadas de sepultamento, artefatos de um período lítico de 8,900 a menos de 2.000 AP., e grande quantidade de fragmentos de cerâmica, elaboradas em um longo período de tempo, segundo uma tipologia cultural que perdurou por alguns milhares de anos. Note-se que, segundo nos informaram os arqueólogos integrados na pesquisa, a última fase de artefatos cerâmicos (fase tupi?), é bem inferior aos artefatos mais antigos, tanto no fabrico quanto na decoração. Somando as assadas encontradas até outubro de 1997 - pertencentes a diferente épocas de sepultamento no dorso dos terraços - atinge-se o alentado número de 191 casos. Exumados de diferentes níveis dos jazigos. Dada a importância do material total já coletado, e o potencial de artefatos e documentos pré-históricos presumivelmente existente nos terraços do fundo do *canyon*, já listado para futuras escavações e pesquisas, pode-se afirmar que existem trabalhos para anos seguidos de investigações arqueológicas.

Enquanto Xingó e as usinas vizinhas fornecem energia para distantes regiões do Nordeste seco, do Litoral aos Agrestes e Sertões, os velhos documentos da ocupação do espaço regional pelos nossos ancestrais pré-históricos fornecem motivação e estímulos para o desenvolvimento da pesquisa científica interdisciplinar em nossas jovens universidades. O que está em jogo, nessa direção, é a recuperação sistemática da trajetória dos grupos humanos que, procedentes de longínquas paragens e raízes asiáticas, movimentaram-se pelo vasto território inter e subtropical brasileiro, assentando-se aqui e ali., em busca da dádiva da natureza para sobreviver.

Por meio desses raciocínios pode-se afirmar que os primeiros grupos humanos tardios - posteriores ao fim do Pleistoceno - sedentarizaram-se nos terraços aluviais arenos - síltico - argilosos, da área de Paulo Afonso/Xingó Piranhas, baseados em um suporte arqueológico múltiplo. Um largo rio perene: águas límpidas, fluxos movimentados de corredeiras, em uma situação ideal para peixe lêntico. Espaços de vivência não inteiramente atraente para grupos competidores ou inimigos. Tudo, enfim, convergindo para criar condições satisfatórias para grupos humanos que ali chegassem, em se apoiando no suporte arqueológico dos estreitos e inclinados terraços, situados na base de íngremes paredes rochosas. Pelo lado das vertentes inclinadas, coalhadas de rochedos e demasiadamente rugosas, ninguém podia abordar os sítios habitados. Uma abordagem pelos canais de escoamento acidentados de alguns pequenos riachos intermitentes afluentes era mais viável, posto que dificilmente efetuada. Para pequenas embarcações - pirogas ou canoas - existiam condições favoráveis, incluindo-se alguns tipos de árvores beiradeiras de tronco suficientes

para a construção de equipamentos rústicos de transporte fluvial. A intercomunicação por água entre grupos vizinhos, de procedência étnica e cultura, e de comportamento pacífico, parece ser uma verdade, desde tempos imemoriais. Na época dos produtos exclusivamente líticos, rochas e fragmentos de rochas, é o que não faltavam. Enquanto a grande diversidade de materiais rochosos propiciava uma utilização seletiva de fragmento de diferentes graus de dureza e tamanhos, para os mais diferentes tipos de artefatos úteis (machados de pedra, raspadores, maceradores, panelas e blocos de suporte para fogueiras).

A questão do peixe abundante, existente nas águas movimentadas do rio São Francisco na região, pode suscitar alguma controvérsia. Tudo leva a crer que se tratava de um setor de rio largo muito piscoso, incluindo uma oferta permanente de alimento para todos os pequenos grupos beiradeiros, ligeiramente separados entre si pela descontinuidade entre os tratos de terraços fluviais existentes no fundo do *canyon*. A despeito de não se encontrar uma grande quantidade de restos de cozinha, testemunhos do uso freqüente de peixes, ou de ossos e cartilagens de peixes, pode-se presumir que, desde os mais remotos tempos do período lítico ou cerâmico, a alimentação dos pequenos grupos viventes nos terraços sincopados era fundamentalmente baseada no peixe.

Para especialistas que já estudaram sambaquis, parece muito pouco o que se encontra nos jazigos de Xingó, em matéria de restos de ichtiofauna. Convém lembrar sempre, entretanto, que o homem do sambaqui vivia no entorno de lagunas ou na beira de gambôas, prenes de peixes e "frutos do mar", tendo se adaptado a uma cultura de descarte local para os restos de cozinha. Na beira de um rio de fluxo rápido e grande volume d'água, não surgiu nada lembrasse a exagerada poluição local estabelecida pelos homens do sambaquis.

Por todas essas razões, damos grande importância à atividade da piracema no distrito pré-histórico e arqueológico de Xingó a Paulo Afonso. Talvez, ela tenha sido mesmo o motivo número um para a sedentarização dos grupos indígenas que habitaram a região desde 8.900 anos até ao advento de aguerridos tupi-guaranis, que possivelmente desalojaram os seus antecessores.

Não temos grande experiência de pesquisas em terraços fluviais arenosos descontínuos, gerados na base de paredes verticais de *canyons* estreitos e bem talhados, tal como é o caso de exceção existente na margem da garganta do São Francisco, no setor de rio situado entre Paulo Afonso - Xingó- Piranhas. Trata-se de terraços gerados em condições

de margem de estiagem, em rios que sofreram fortes oscilações em passado relativamente recente. Nessas páleopraias de estiagem sucessivamente crescidas por aluviões síltico-arenosos e colúvios, dispostas a 12 ou 14 metros de altura, foram encontrados, por escavações arqueológicas bastante controladas, documentos pré-históricos datados de até 8.900 anos AP. (Holoceno). Antes das escavações, observados de um ponto de vista exclusivamente sobre-elevados pareciam ser mais antigos do que as pesquisas arqueológicas acabaram por indicar.

Daí a questão básica que se propõe: quando os grupos humanos mais antigos - de 9.000 a 4.000 AP. - ali se estabeleceram, já existiria o terraço ou um embrião de terraço? ou, pelo contrário, ocorria apenas uma praia estreita, inclinada e ascendente, mais tarde acrescida de sucessivas camadas de transbordos eventuais, sobre rampas aluviais intermitentes habitadas? Este é o dilema que nos é proposto pelas observações pioneiras inseridas no "Relatório de Assessoria Técnica do Projeto de Salvamento Arqueológico de Xingó - Estudos Sedimentológicos (Janeiro de 1995)", realizado em condições absolutamente pioneiras, por José Maria Landim Dominguez e Arno Brichta (UFBA).

Por diversas razões, tudo leva a crer que os embriões dos terraços na condição de praias de estiagem já existiam quando as mais antigas vagas de homens pré-históricos ali chegaram. Fato válido, sobretudo, para explicar a gênese do terraço do "Justino", que se dispunha em nível inferior ao do terraço contíguo, designado terraço "ouro Fino". Tais informes, oriundos da equipe que dirige o projeto "Xingó", tem um interesse fundamental, caso venham a ser confirmadas por pesquisas ulteriores. No caso, o terraço ligeiramente interiorizado poderia remontar ao Pleistoceno, enquanto o terraço mais baixo teria se formado no decorrer do Holoceno, envolvendo uma acoplagem entre processos naturais hidrodinâmicos e processos interferentes de utilização antrópica.

A despeito das dificuldades para o entendimento e a datação dos terraços aluviais suspensos da margem do *canyon* do Xingó, é bem mais fácil entender as razões que levaram os homens a ali residir e desenvolver atividades diferenciadas de sobrevivência. Temos a certeza de que os primeiros grupos humanos que ali aportaram tiveram uma atração compensável pelas potencialidades do rio, em matéria de peixes das mais varadas espécies. Os sítios eram estratégicos para o uso de um rio perene - portanto a exceção - na conjuntura de uma vasta área dominada por caatingas, desde há muito mais do que 9.000 anos. Não existem documentos detríticos nas paredes e altas vertentes do *canyon* que nos permitem inferir flutuações climáticas radicais nesse espaço. Mas, é certo que houve

flutuações do nível do rio, devido a um jogo de influências de fatores alóctonos, tais como mudanças climáticas sensíveis ocorridas nos setores de rio-acima, no decorrer do Quaternário, e mecanismos eustáticos do nível do mar, ocorridos nos fins do Quaternário Antigo e, minimizadamente (re) correntes no Holoceno. Entre 23.000 e 12.700 anos AP., o nível do mar desceu para menos 100 metros, época em que a região de Xingó, estimulada pela erosão regressiva, tornou-se local de corredeiras e de encaixamento por entre soleiras de rochas duras, atualmente expostas. Entre 6.500 e 6.000 anos atrás, aproximadamente, o mar em processo de retorno esteve a 2,90 - 3,00 metros acima do seu nível médio, afogando estuários e contribuindo para altear o nível dos rios, para montante, até Xingó. Esse processo foi concomitante com um notável aumento de volume d'água devido à (re) tropicalização ocorrida nos trechos médios e altos da bacia do São Francisco. As paredes do *canyon*, recobertas de caatingas e facheiros, já eram altas e rochosas, escavadas que foram no decorrer dos últimos dois milhões de anos. Em qualquer hipótese, não é possível comparar as notáveis flutuações climáticas ocorridas em Xique-Xique ou em Camaçari, ou no interior do domo esvaziado de Itabaiana, com a quase ausência de mudanças ocorridas no interior do *canyon* de Paulo Afonso -Xingó - Piranhas, nos fins do Pleistoceno e no próprio decorrer do Holoceno. É de se registrar, ainda, que os extensos pediplanos dos sertões de Sergipe e Alagoas foram mais sensíveis às variações climáticas dos fins do Quaternário do que o fundo do *canyon*.

Os grupos humanos que se estabeleceram nos terraços arenosos de Xingó-Piranhas tinham ao seu favor fluxos d'água perenes que atendiam a todas as suas necessidades: - água de beber, água para cozinhar alimentos, água para preparar o peixe e água para se banhar. Mas, em face da prolongada semi-aridez que atravessou o Pleistoceno e chegou ao Holoceno, pode-se entender porque os grupos pré-históricos, habitantes dos terraços, tinham à sua disposição fragmento de rocha, de todos os tipos tamanho e resistência. Fragmentos das paredes rochosas; seixos angulosos trabalhados pelo rio, desde Paulo Afonso até muito além de Xingó, rio abaixo. As culturas líticas teriam se beneficiado muito com essa conjuntura de ofertas. Depois de 4.000 AP., quando se inventa a cerâmica na região pelos sucessores dos pioneiros, aconteceu um acréscimo de oferendas, devido à presença de lamas síltico-argilosas. Disso resultou o fabrico paralelo de artefatos líticos e utensílios cerâmicos caprichados. Pelo menos, por 2 ou 3 milhares de anos, até à chegada dos agressivos tupis.

As modificações sofridas pelo rio São Francisco, à jusante do barramento feito em Xingó, são de variadas ordens. Em função das sucessivas barragens existentes desde Sobradinho até Xingó, o rio à jusante dessa última sofreu um rebaixamento do seu nível médio, calculado entre 2 a 3 metros, no mínimo. Devido a isso, a antiga linha de c'raibeiras, que existia na beirada do rio, ficou suspensa e interiorizada, servindo admiravelmente como referência para se medir a amplitude local do rebaixamento. Desde a linha de beirada antiga do rio até o novo alinhamento irregular, predominantemente rochoso, medeiam hoje 150 a 200 metros do fundo re-exposto do rio. Ocorrem aí, também, seixos fluviais aprisionados nas irregularidades do antigo assoalho re-exposto da margem do rio (Sítio Jerimum, à Jusante de Piranhas, margem direita do São Francisco). Tal situação nos permite inferir que a massa d'água do curso d'água nesse lugar deveria oscilar entre 2 a 4 metros de profundidade, fato que facilita sobremaneira uma navegação segura para as canoas dos primitivos habitantes dos terraços - praias fluviais descontínuas, do fundo do *canyon*.

Outras mudanças flagrante ocorrente no rio, à jusante de Xingó, diz respeito à dinâmica da sedimentação. Atualmente, o trecho do São Francisco que se estende da base da barragem de Xingó até além de Piranhas é dotado de águas extremamente límpidas, porém muito menos piscosas do que no passado, sobretudo no que respeita o passado pré-histórico, quando o alongado São Francisco transporta sedimentos sílico e argilosos provenientes de longas distâncias situadas à montante. O sistema de barragens - implantado na região na segunda metade desse século - ocasionou retenção forçada de sedimentos outrora transportados pelo rio, tais como siltes, areias, argilas e seixos. Todo o conjunto de detritos minerais ou micelas orgânicas, importante para alimentação da ichtiofauna, ficou retido atrás das barragens (Itaparica, Paulo Afonso, Xingó). Enquanto isso, as águas liberadas para jusante de Xingó tornaram-se limpas de sedimentos e de alimentos para os peixes. Disso pode-se deduzir que, a época de vivência dos grupos pré-históricos, o rio possuía uma rica e diversificada fauna de água doce. Mais do que isso, porém, atualmente o fluxo das águas corre lento, por entre barras ou soleiras de rochas duras, transversais ao eixo geral do rio. Algumas dessas soleiras apresentam sinais de polimento hidrodinâmico, fato que pressupõe corredeiras importantes no passado. E, por extensão, indica que esse setor do São Francisco devia se constituir em importante faixa de piracema. Onde se conclui que, em longos espaços d tempo, o rio era piscoso e dadivoso para a sobrevivência dos grupos humanos pré-históricos ali viventes.

É quase certo que durante o chamado *otimum climático*, quando o nível médio esteve a 3 metros aproximadamente a mais do que hoje, o Baixo São Francisco sofreu represamento e elevação de nível até a região de Paulo Afonso/Xingó. Pela datação da ocupação dos terrenos arenosos descontínuos do fundo do *canyon*, (8.900 anos AP.) pode-se inferir que os grupos paleo-índios das margens devem ter sido afetado pela ascensão das águas no momento em que os mares de toda a face da terra estiveram alguns metros acima do seu nível médio atual. Um episódio referível ao intervalo do Holceno, situado entre 6,500 e 5,500 anos AP. (Antes do Presente). Posteriormente, o nível do Baixo São Francisco rebaixou-se condicionado pelo nível de base estabelecido pelo mar. E, assim, os homens pré-históricos ali localizados antes do *otimum climático*, continuaram suas atividades nos terraços arenosos, sujeitando-se apenas à variabilidade hidroclimática habitual, que afetava a região e as oscilações do rio. Existem razões para se acreditar que a pequena faixa das matas ripárias, constituída predominantemente pela presença de c´raiba, tenha se implantado na região após os efeitos do *otimum climático*, durante a decida das águas para o nível médio encontrado pelos colonizadores e registrados nas expedições científica que passaram pela região.

O problema das possíveis relações entre os grupos sedentários, dos terraços do fundo do *canyon*, com os coletores caçadores existentes nas terras mais altas dos sertões vizinhos ainda permanece em aberto para futuras pesquisas. Existem inscrições rupestres em tetos de abrigos sobre rocha, em lajedos, nas colinas sertanejas do baixo platô regional. Trata-se de lajedos esparsos com matações alongadas sobrepostos, em processo de derruição e arredondamento, onde ocorrem lapas estreitas e acanhadas, na base de alguns blocos. Dado o número de inscrições rupestres existentes no platô sertanejo, em lajedos separados entre si por poucos quilômetros de distância, deduz-se que, em um período relativamente antigo, a região era ocupada por caçadores-coletores. É possível ainda que, em face do calor dominante por muitas horas no sertão, alguns membros do grupo utilizassem as cavas estreitas e baixas para abrigo temporário. E artistas primevos, deitados na base das lajes, por horas a fio, tenham se inspirado a deixar mensagens pictóricas no teto vazio. Acredita-se que se trata de personagens de grupos pré-cerâmicos, viventes no mundo rústico de caatingas dotadas de rio intermitentes sasonários. A interpretação das inscrições é tarefa especializada de arqueólogos cientificamente preparados e culturalmente sensível. De nossa parte, estamos interessados em interpretar os sítios de tais lajedos emergentes no dorso suave das colinas sertanejas, nos municípios atuais de Piau e Piranhas (Alagoas). A raspagem feita no teto das lapas graníticas, para facilitar a feitura das inscrições, possibilita inferir de que se trata de representantes de culturas líticas, provavelmente pré-cerâmicas. A

qualidade das tintas de origem vegetal, de cor vermelha, possibilitou a preservação esmaecida das inscrições por alguns milênios. Nos arredores dos lajedos não foi encontrado, até hoje, porém, nenhum jazigo dotados de artefatos ou ossadas, nada se podendo saber das simultaneidade ou não da época dos homens dos lajedos em face dos homens dos terraços beiradeiros no fundo do *canyon*.

A título de especulação pura, e talvez simplória, podia se pensar que as inscrições feitas em vermelho vivo - e, atualmente bastante esmaecidas - correspondam aos primeiros tempos das culturas líticas. E que, talvez, elas tenham sido elaboradas pelos primeiros grupos de caçadores-coletores, procedentes de sertões distantes, já plenamente afeiçoado à rusticidade das caatingas. Nesses sentido, poderiam ter sido os antepassados dos grupos humanos que se instalaram nas praias - terraços no fundo do *canyon* Paulo Afonso/Xingó/Piranhas. Mas, talvez, os pintores das lapas dos lajedos do alto sertão alagoana tenham sido desgarrados ou trãnsfugas da população vivente nos privilegiados terraços rampeados do fundo das gargantas d São Francisco. Nada nos impede de pensar que, talvez os homens das lapas de lajedo não passassem de meros posteriores ou caçadores solitários, vivendo de atividades complementares para defesa ou abastecimento dos habitantes sedentários, instalados desde a milhares de anos no fundo do torrentoso *canyon* do rio de águas perenes, vindos de muito longe.

PESSOAL TÉCNICO ATUAL DO PAX

ARQUEÓLOGOS

- Maria Cleonice de Souza vergne
- Suely Cristina Albuquerque d lina
- Ana Lúcia do Nascimento Oliveira
- Suely Gleide Amâncio da silva
- Henrique Alexandre Pussi
- Cistiane Cerqueira do Nascimento (Assessoria)

CONSULTORES

- Niéde Guidon
- Gabriela d´Avila Martin
- André Prous
- Arnaldo Vasconcelos Palmeira
- Aziz N. Ab´Sáber
- José Luís de Moraes
- Tânia Andrade Lima
- Emílio Fogaça
- José Maria Domingues Landim
- Arno Brichta
-

ESTAGIÁRIOS

- José Marcelo Domingos de Oliveira
- Ailton Feitosa Martins
- Pedro Abelardo de Santana
- Onésimo Gerônimo dos Santos

ECONOMISTA

- Maria Luzia Meneses Vieira